

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christu Jeau.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *A União Catholica—A Voz da Igreja através os labios de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal—A Devoção ao SS. Coração de Jesus; A Virgem Maria e Luis Veillot*, por A. Moreira Bello. Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão, XVII, Disciplina e Hierarchia da Igreja catholica*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Critica: *Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas; *Acudam em quanto é tempo*, por A. G. Rocha.—Secção Illustrada: *S. Em.ª R.ª Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, D. José III*, por R.—Secção Parlamentar: *As Ordens religiosas e o Padroado, Discurso na Camara dos Pares*, pelo Snr. Marquez de Rio Maior.—Secção Litteraria: *A Vida*, poesia, por Joaquim Pestana.—Secção Necrologica.—*Retrospecto da Quinzena*, por J. de Freitas.



O EM.ª SR. CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA D. JOSÉ III

GUIMARÃES 15 DE AGOSTO DE 1887

## SECÇÃO RELIGIOSA

## A União Catholica

A Voz da Igreja atravez os labios de S. Ex.ª R.ª o Sr. Bispo do Funchal

## A DEVOÇÃO AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

(Continuado do n.º anterior)

AS para corresponder aos ardentes desejos do Coração de Jesus, manifestados n'esta mesma revelação, ha tambem a cumprir a *Hora Sancta*, que consiste em passar uma hora com a face prostrada em terra e em oração mental ou vocal, para acompanhar o Senhor n'aquella hora de agonia passada no jardim das Oliveiras, e para o consolar do abandono dos seus, como succedeu aos Apostolos, que nem sequer o acompanharam n'aquella hora.

«*Reparar*, pois, a ingratição dos homems; *participar* das mortaes tristezas do Coração agonisante de Jesus: *pedir graça* para os peccadores; *applacar* a ira divina; eis o fim da *Hora Sancta*; esta hora beindicta durante a qual vemos unir nossas preces à humilde prece que o Coração de Jesus offerecia a seu Pai no Horto de Gethsemani.» (1)

Esta hora deve ser na noite de quinta para sexta feira; mas para facilitar esta practica e amplial-a ao maior numero o Sancto Padre concedeu que se possa fazer collectivamente, e então em qualquer igreja ou capella, no dia e hora marcados pelo respectivo director. Esta ampla faculdade e o modo de cumprir-a podem ver-se no mesmo orgão do Apostolado.

Nada por tanto mais bello, interessante e proveitoso do que estas sanctas e puras practicas prescriptas aos associados do Apostolado da Oração; e por isso mesmo são de tal modo visiveis os seus effeitos salutaes que não ha um unico centro onde esta devoção se tenha implantado, se tem a boa estrella de encontrar um director dedicado, onde logo se não manifestem copiosos fructos de benção. Nem d'outro modo poderia comprehender-se esta sancta união das almas que, ligadas no mesmo pensamento de fé, n'um movimento unisono de amor puro, se levantam todas a uma esphera muito superior onde já fazem menor impressão as miserias da vida.

Oh! Obra admiravel é esta que bem se conhece ser toda de Deus! Obra evidentemente destinada a salvar das terriveis algemas, que encadeam os des-

venturados servos de Satanaz, aquelles que se prezam de ser filhos de Deus e por isso livres da servidão e da eterna morte!

IV—«Quando no fim dos seculos se desvendarem todos os segredos, diz o piedoso auctor já citado por vezes, saber-se-ha então qual o motivo por que este nosso seculo, tão repleto de impiedade, crimes e miserias, não tem sido precipitado no fundo do abysmo.»

Ha, com effeito, no meio do turbilhão do materialismo que impelle a sociedade d'hoje, algum principio de crenças vivas e de virtudes heroicas, desconhecidas do mundo, mas conhecidas de Deus somente, que de certo sustêm o braço vingador.

E não é tanto já no silencio do claustro, onde por desgraça resta apenas entre nós uma luz bem tenue, prestes a extinguir-se. Esses asylos da innocencia e da pureza, do amor sancto e casto das esposas do Senhor foram vedados, como se ali estivera um antro de corrupção; mas não deixam de abrir-se de par em par os horribes abysmos de perdição, sem que haja leis para vedal-os e salvar milhares de victimas que ali se precipitam constantemente.

E' mesmo ao lado d'esses medonhos sorvedouros do vicio; é no meio d'um mundo todo leviano e frivolo, por vezes tão incredulo, que pulsam alguns corações possuidos de fé e de amor divino, e que tem a força de levantar para o céu os perfumes de sua crença, de sua caridade, attrahindo assim os dons de Deus. Se outr'ora um pequeno numero de justos salvaria da ruina uma cidade culpada, hoje tambem são estes entes privilegiados que nos preservam da morte.

Ateu-se no seio da Igreja o fogo divino do Coração de Jesus, e as chamas que d'elle rompem aquecem nossas almas; derretem os gelos da indifferença, fazendo brotar mimosas flores de virtude.

Foi por ventura em Portugal que esta encantadora devoção, saindo de França, deu fructos mais temporãos e mais sazonados. Favoneada por uma Rainha, que mereceu o sympathico cognome de piedosa, espalhou-se rapidamente no paiz e lançou n'algumas partes fundas raizes, que nem conseguiu arrancar o vento impetuoso da revolução. Parochias houve onde se estabeleceram irmandades para manter o seu culto e muitas em que foi exposta sobre os altares a veneração dos fleis a imagem do Sagrado Coração. A piedosa Rainha fez levantar na sua capital um templo grandioso, o mais bello d'aquella formosa cidade, tendo sido o primeiro do mundo consagrado ao divino Coração. (1) Foi em

cumprimento de um voto que se construiu esta fabrica, e para ainda melhor se manifestar o amor e o reconhecimento, determinou a devota fundadora que o seu corpo alli repousasse à sombra do mesmo Coração divino.

Mas o sopro desolador da impiedade passou por sobre o solo da patria, vindo d'aquelle mesmo paiz d'onde viera antes a formosa devoção. As aguias francezas abateram seu vôo nos campos da Luzitania e cravaram suas garras no coração d'este povo, introduzindo n'elle o veneno d'aquellas doutrinas deleterias que adubou a sciencia e a litteratura do seculo passado. Ainda que um esforço homerico levou diante de si as hostes do moderno Attila, cá ficou o vacuo da pobreza, o deserto das ruinas, salgado com os motejos voltereanos. E depois a sciencia, a litteratura, o commercio, as artes, a industria e sobre tudo a politica se eivaram d'aquelle virus maligno.

Os resultados funestos só mais tarde se fizeram sentir na oppressão da Igreja, e na indifferença religiosa. O culto de amor ao Sagrado Coração de Jesus amorteceu quasi em todo o paiz, ficando apenas aqui ou alem uma ou outra estrella pallida.

Mas eis que de novo surge radiante esta formosa devoção, que se atèa rapida e vive em todo o Portugal e suas colonias, promettendo maiores esplendores no futuro e os consequentes fructos de amor santo e puro a inflamar todos os corações devotos.

As missões religiosas correm de parochia em parochia, evangelizando a divina palavra e estabelecendo esta devoção. E o mesmo é annuncial-a que senta logo as almas possuidas de enthusiasmo e fervor, animadas de novo espirito, abrazadas em zelo de salvação. São muito mais frequentados os sacramentos da confissão e communhão, verdadeiros elementos regeneradores no seio da Igreja, levando sempre d'ali vida nova todos os que os frequentam.

Muitas das nossas Dioceses lhe tem sido oficialmente consagradas, e ainda no anno preterito a Braga Primaz, a Roma portugueza, procedeu a essa cerimonia por um acto tão solemne e esplendido que será de certo esse um dos mais bellos florões de sua corôa religiosa. Viram-se alli, intimamente unidas na mesma fé e no mesmo amor, todas as classes sociaes, formando imponente cortejo ao venerando Primaz o seu numeroso clero, as auctoridades civis e militares e o fiel povo d'aquella formosa provincia.

Ainda se não viu em nosso paiz desfraldar o pavilhão nacional com a imagem do sagrado Coração, mas já lá se esculpiram ha seculos as gloriosas chagas do divino Crucificado, e desde ha um seculo que por uma lei especial fu

(1) Novo Mensageiro, n.º 69 do tom. IV, pag. 535.

(1) A Basilica da Estrella em Lisboa.

determinado que nos braços das ordens militares se gravasse também a imagem do sagrado Coração, como uma pública e solenne manifestação de piedade e affecto a Jesus, nosso amor. (1) Motivo é este bem proprio para que todos os condecorados saibam acatar com reverencia e fé esta divina insignia.

Esperemos ainda da misericórdia do Senhor que algum dia o reino fidelissimo venha também consagrar-se todo ao divino Coração. Depois das Dioceses vieram as Associações catholicas e operarias, sendo como que o preludio e preparativo para o grande acontecimento nacional.

Dez annos ha que, n'este mesmo dia (por mysteriosa coincidência o 188.º anniversario da primeira missa celebrada em honra do Coração de Jesus (2), n'esse grandioso templo da Estrella, hoje infelizmente deserto e silencioso, recebiamos a unção sancta das mãos de um Prelado venerando e querido, que aprenderamos a respeitar e amar desde os bancos das escolas, onde o tiveramos por mestre. (3) N'esse dia, certamente o mais solenne de nossa vida, n'aquella hora, aos pés do amoroso e sancto Pontífice, sob aquellas abobadas magestosas, devêramos fazer no mais intimo do nosso coração o voto sincero e ardente de consagrar as forças todas e toda a vida no exercicio do alto e tremendo ministerio, ao desenvolvimento d'este culto adoravel, como o maior incentivo ao progresso religioso e social do rebanho que nos fora confiado. E pouco depois formulavamos o mesmo voto ao apostolico Director Geral do Apostolado.

Graças infinitas sejam dadas ao divino e misericordioso Coração, que se tem dignado amparar nossos votos e esperanças. São já raras as parochias d'esta Diocese onde não se haja estabelecido o Apostolado, seus fructos são palpaveis e visiveis, ainda aos que menos desejam ver, sendo as consolações sufficientes para alentar-nos e impellir-nos a proseguir n'esta obra toda divina.

Ahi está pois o segredo do renascimento religioso que se opera. Ha vinte annos era mui rara a communhão frequente, e ainda nas familias religiosas, afóra a epocha quaresmal, apenas se corria ao confessorario por occasião d'algum especial jubileu. Hoje qual é a parochia que não veja muitos de seus filhos ajoelharem-se á sancta meza todos os mezes e alguns todas as semanas? Qual é o pastor que não reconhece e não admira a influencia salutar d'es-

tas practicas no seio de sua parochia? Só a não reconhece, só a não anima aquelle que está agrilhoado pela indiferença ou ainda pelos preconceitos, viclima d'um egoismo miserando e condemnavel. Mas, felizmente, são já excepçionaes esses pobres cegos, e temos fundada esperança de que acabarão por desenganar-se antes de darem contas ao Supremo Juiz. Corram todos a unirse ao Coração divino; venham todos acolher-se á sombra d'este amor benéfico e salutar, onde só pode respirar-se o espirito de vida.

Não ha repouso senão em Deus, só n'elle a força para combater e vencer os assaltos terriveis do mal sob mil e variadas formas torturando constantemente a creatura.

«Quem ás creaturas se encosta só por milagre não cairá, diz o livro precioso da *Imitação*, quem adhere a Jesus descansa na rocha firme e para sempre. Bemaventurado o que comprehende o que seja amar a Jesus e desprezar-se por amor d'elle.

«Convem deixar todo outro amor por este amor; por que Jesus quer ser amado sobre todas as coisas. O amor da creatura é enganoso e mudavel, o amor de Jesus é fiel e constante...»

«Que pode o mundo dar-te sem Jesus? «Estar sem Jesus é terrivel inferno, estar com Jesus é doce paraizo. Se Jesus contigo estiver nenhum inimigo pôde offender-te. O que encontra Jesus descobre um bom thesouro, até um bem que é superior a todo o bem.» (4)

Vinde pois, filhos carissimos, gosar dos preciosos thesouros d'este Coração Sagrado, com os quaes podereis saldar vossa enorme divida, accumulada em annos e dias largos de uma vida tão cheia de infidelidades, ingratidão e peccados.

«Nós somos, porém, insolviáveis, exclamava a B. Margarida-Maria em seus arrebatamentos celestes á hora da morte, mal podemos pagar nossa divida, ó Mestre divino. Mettei-nos a todos n'um carcere; uma vez que este seja o vosso Coração Sagrado, e depois de lá estarmos conservae-nos bem presos com os grilhões de vosso amor até que tenhamos pago tudo; mas, como isso é impossivel, ali ficaremos para sempre.»

Sejam estes também os nossos ardentés votos durante a vida que nos restar e sobretudo á hora da morte. São elles os de todos quantos comprehendem bem o nosso destino, o nosso fim, a nossa felicidade; são os do actual glorioso Pontífice, que a divina Providencia nos deu por um acto de infinita misericórdia, n'estes dias calamitosos que vão correndo.

(Continua)

(1) Lib. II, cap. VII e VIII.

## A Virgem Maria e Luiz Veuillot

(Continuado do n.º anterior)

O RICO

**V**IRGEM SS., os meus bens cresceram e o meu coração encheu-se de inquietações; tremi pelos meus navios quando vi a tempestade agitar os mares; quando vi as revoluções atormentar os povos, estremecia menos por causa dos povos que por causa dos meus interesses. Mais d'uma vez dediquei ao cuidado dos negocios mortaes o tempo que deveriam ter occupado os meus deveres para com Deus; segui com a aspera inquietação dos jogadores a fortuna favoravel ou contraria; alegrei-me sem medida, entristeci-me sem coragem, conforme o lucro ou a perda, e pareceu-me que se me fossem tirados os haveres não teria resignação. Virgem SS., não permittaes que me invada a alma o amor das riquezas; rogae antes a Deus que me tire tudo quanto possuo; antes quero perder os meus bens mortaes que a minha alma immortal, e este adubo da terra que a esperança da salvação... Em todo o caso, preserve-me da soberba e da dureza; seja o ecónomo do pobre, a humilde mão pela qual Deus derrame os seus beneficios, o activo instrumento da sua Providencia; appareça emfim diante de vós como o administrador fiel que teve por muito tempo a chave dos thesouros de seu amo e nada desviou d'elles.

O NORVO

Santa Maria, Virgem das virgens, bem sabeis o nome d'aquella por quem eu oro todos os dias, e que por vezes também pronuncia o meu nas suas orações: é doce e pura, e a candura de vossos filhos muito amados lhe fulge na fronte: parece-me que meu pae a amaria e que minha mãe seria feliz chamando-lhe sua filha; contudo, Virgem SS., desconfio do meu coração. Talvez lhe tenha contemplado demasiadamente os olhos timidos, talvez haja admirado excessivamente o brilho mortal da sua primaveira; pedi a Deus que me illumine e guie; que eu faça a sua vontade e não a minha; que n'isto como em tudo, cuide em servir-o, e não em satisfazer os meus olhos. Se aquella que amo deve ser casta esposa e boa mãe, se deve como a arvore de benção produzir fructos puros de sabor agradavel a Deus, se deve encontrar em mim o amparo benevolente e fiel que desejo á sua vida, se devemos santificar-nos e agradar-vos amando-nos, realize-se esta união. Mas se eu não escuto senão um desejo terrestre e passageiro, ou se posso, em

(1) Lei de 19 de Junho de 1789.

(2) No dia 4 de Fevereiro de 1689 foi celebrada na egreja do Mosteiro de Dijon a primeira missa do C. de Jesus.

(3) O actual snr. Arcebispo Primaz, D. Antonio José de Freitas Honorato.

outro estado, agradar mais ao meu Senhor e caminhar mais seguramente para a salvação, Deus me aparte para longe d'ella e a aparte para longe de mim. Verei sem murmurar romperem-se estes laços lentamente formados, afastar-me-ei sem pesar d'esse alvo a que tende a minha alma; pois não quero senão amar a Deus, não quero senão obedecer a Deus.

## A DONZELLA

Rainha dos anjos, Mãe castíssima e puríssima, minha bemdita protectora, fizeti com que eu jamais core diante de vós.

## OUTRA

Doce refugio, o mundo passou diante dos meus olhos, e, qual sombria nuvem, o pó das suas festas me escondeu a estrellada radiante que eu sempre seguira.

Ruidos espantosos, e que todavia amo, afogaram a voz interior que me fallava de vós. O meu coração conturbou-se; senti mil amarguras que não conhecia. Vejo que me perco e que vos esqueço, tenho medo, sou infeliz, e, apesar dos meus remorsos, desço cada vez mais ao abysmo a que me arrasta uma vertigem mais forte que as minhas resoluções; mas dissei uma palavra, boa Virgem, e serei salva. Maria! Maria! lembrae-vos de que nunca se ouviu dizer que um christão implorasse o vosso auxilio e vós o abandonasseis. Mostrae que sois mãe.

Preservae vossa filha. Alcançae de Deus que eu o ame sempre, e que não ame senão a Elle. Restitui-me a consolação das minhas doces orações e o socego dos dias em que vos não offendia.

## O IRMÃO

Thesouro de candura eterna e de eterna bondade, rosa dos jardins celestes, alva torre de marfim cerrada aos raios do mal, emblema de toda a virtude, espelho de toda a pureza, facho das familias, ó Virgem, eu tenho duas irmãs, duas creanças ainda santas; duas niveas pombas ainda escondidas no ninho materno; cantam e surriem na sua innocencia, que se ignora a si propria, como o filho d'um rei brinca sobre os preciosos tapetes, cujo preço não sabe; mas avisinha-se a hora em que attingirão o limiar dos annos serios e poderão contemplar a vida. Virgem prudentíssima, fizeti com que esse temível espectáculo não lhes fascina os olhos ignorantes; preservae-as do sopro amargo que murcha as tenras flores; preservae-as das lagrimas estercis, das angustias que fazem corar, e dos desejos que fazem cair; conservae-as humildes

e puras, submissas ás leis de Deus, francas e fieis até ao fim da vida. Sejam donzellas modestas, mulheres piedosas e dedicadas, mães vigilantes e pacientes; adquiram com os annos as virtudes do seu estado e da sua idade, sem nunca perderem as doces virtudes da creança; não vejam, não ouçam, não conheçam nunca o que uma christã não deve ouvir, nem ver, nem conhecer; esteja sempre o vosso nome em seus labios, e o vosso exemplo no seu pensamento; vivam e morram bemdizendo-vos. Fazei assim, Virgem SS., e as leveis, através do perfume dos dias verdadeiros, aos fructos innumerados da eternidade.

## O ARTISTA

Formosura suprema, typo sagrado, fonte de luz celeste, feixe scintillante de todas as maravilhas e virtudes, obra-prima das obras-primas de Deus, vós que haveis inspirado os santos e os prophetas! deve implorar o vosso apoio todo aquelle que quer fazer ouvir a sua voz e o seu pensamento n'este mundo. Se o artista não tem no coração um raio da chama que coroava os apóstolos, não é senão o instrumento escravo das vontades da multidão ou da soberba dos poderosos. Vende ao acaso, a mãos que possuem ouro, o genio que recebeu do ceo para ensinar a seus irmãos e para honrar a Deus.

Condemna-se a indignos labores, torna-se ecco das paixões miseraveis, descendente com os gostos vulgares, intérprete indifferente de mil pensamentos que não são seus, e a sua obra passa como o impuro salario que a pagou. Santa patrona das nobres artes, fizeti com que eu jamais caia n'essa balxeza de prostituir aos prazeres dos homens as faculdades que devo consagrar ao Senhor. Não se misture o joio dos interesses humanos ao trigo puro do meu pensamento, e seja toda a obra minha uma lição ou uma prece. Tudo quanto me brotar no espirito regosige santamente os corações puros e seja em louvor dos ceos.

## O FILHO

Aquelles que me deram o ser me apresentarão ao Juiz eterno, confiados e simples como creanças. Erguerão para Elle mãos endurecidas pelo trabalho, e que nunca manchou ganho illegitimo, e lhe mostrarão corações honestos e firmemente devotados a todos os deveres que conheceram... Se isso não é bastante, suppri, Virgem SS., a sua justificação com vossos rogos, e alcançae-me a graça de a supprir eu mesmo com a penitencia, o sacrificio e a expiação.

## O CIDADÃO

Ó Virgem! da terra de França venho a estes logares distantes supplicar-vos pela minha patria. Não vos esqueçaes de que um rei piedoso a poz nos seculos passados sob a vossa egide, e de que desde então todo o francez fiel tem direito a renovar a offrenda e a olhar-vos como a padroeira do seu paiz. Ouso pois, obscuro e simples filho da França, implorar-vos a favor da sua gloria, felicidade e socego, e rogo ao mesmo tempo a Santa Genoveva, S. Luiz, S. Bernardo e todos os nossos martyres e santos, que a encommendem comvosco ás misericordias do Omnipotente.

Afastae dos seus povos o peso das iras celestes, aplacae os nossos odios, afogae as nossas discordias, sustentae a nossa obediencia e reanimae a nossa fé. Faça-nos a oração christãos, e a caridade nos torne irmãos; pela vigilancia dos ministros de Deus, lance o facho catholico no meio de nós mais vigorosas chammas e mais deslumbrantes claridades. Inspirae os nossos artistas, os nossos escriptores, aquelles cujo pensamento ou cuja voz actua sobre a multidão; inspirae sobretudo os homens que a vontade divina chama entre nós á situação terrivel de conductores de nações. Séde de sabedoria e Espelho de justiça, dirigi os seus conselhos, e guiae as suas resoluções, para que não proponham senão leis sabias, não emprehendam senão justas guerras, não façam alliança com os impios; não os enviem para vender a honra e o porvir do reino á avidez dos mercadores, mas, pelo contrario, sejam os arrimos do opprimido, os defensores da fé, e em parte nenhuma do mundo desespere um povo christão em quanto a bandeira de França possa lançar a sua sombra sobre uma espada! Amen!

Acaba de se ouvir o canticó da piedade, qual podia exhalar-se da alma d'aquelle que tam intimamente crera em Maria durante os dias da sua peregrinação terrestre, e n'ella collocara n'este mundo todas as esperanças. Na tenebrosa noite que nos cerca, seja-nos dado possuir a fé do seu coração! No meio dos inimigos sem numero com os quaes nos é força combater, seja-nos dado revestir o seu valor! No seio da horrivel tempestade que nos atormenta, e cujo fim nada nos faz prever, nunca percamos a esperanza, a exemplo do illustre morto!

A. Moreira Bello.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos  
perante a razão

XVII

Disciplina e Hierarchia  
da Igreja catholica

(Continuado do n.º anterior)

NTES da paz que Constantino o Grande concedeu à Igreja, celebraram-se varios concilios provinciales, e em muitos d'elles criaram-se leis de disciplina, as quaes formam uma collecção que se chamou Apostolica, conformando-se com ella o Concilio I geral.

Na referida collecção encontram-se disposições sobre a administração de sacramentos, direitos e obrigações de prelados, observancia e celebração das festividades, jejuns, regras ácerca dos catechumenos, administração de temporalidades e causas que motivam as censuras.

Os canones referentes á policia externa da nossa Igreja foram modificados; mas a disciplina que se acha conexa com o dogma é inalteravel, como por exemplo a indissolubilidade do matrimonio.

Estes assumptos não podem submeter-se á competencia da auctoridade civil, sem constituir a nossa Igreja em humilhante escravidão, concedendo aos poderes publicos um exagerado e perigoso desenvolvimento; porque levada a sua acção ao fóro interno ocasionará todos os abusos da mais caprichosa e inqualificavel tyrannia. Semelhante escravidão seria a ruina do catholicismo, e repellem-na por esta causa os catholicos, do mesmo modo que os seus antagonistas a defendem, suppondo que a Igreja não pode ser independente quando receba alguma subvenção do Estado.

E por que figura o clero no presupuesto das obrigações publicas? Porque tendo sido privado dos dizimos e primicias, assim como das suas propriedades rusticas e urbanas, a administração contrahiu o justo dever de indemnizar d'esta expolição.

E designando para o culto e para o clero uma mesquinha dotação, não cumpriu este encargo de justiça, levando em conta a importancia dos capitaes sequestrados, resarcimento que jamais poderão legitimar as disposições mais violentas e arbitrarias contra o sancto e legitimo direito da propriedade officialmente atropelada.

Com um rigor inaudito foi a Igreja despojada dos seus bens, e ainda se

pretende escravisa-la com a indemnisação insufficiente que lhe concedem!

Ainda que omitamos toda a discussão sobre o direito que a Igreja tem aos dizimos e primicias, não poderá negar-se, segundo o dictamen dos canonistas pouco suspeitos, que os fleis estão obrigados por direito natural e divino a contribuir para os gastos do culto e para a congrua sustentação dos seus ministros (1).

A administração publica de Hespanha encarregou-se de cumprir este dever, augmentando os tributos que o contribuinte paga: logo é um encargo de justiça a dotação do culto e do clero, que de maneira nenhuma pode por semelhante motivo perder a sua independencia; e a Igreja, livre e independente do Estado, conserva o direito mais inquestionavel e justo á dotação estipulada na concordata celebrada com o supremo Pontífice.

A admiravel hierarchia da Igreja contribue tanto como a sua disciplina para o governo equitativo e facil d'um consideravel numero de povos diferentes e em perpetua lucta pelas suas condições sociaes, interesses e costumes.

A hierarchia é egualmente necessaria para a conservação da unidade sancta do catholicismo. «Os poderes ecclesiasticos toem a sua origem na revelação, e a constituição da Igreja está fóra de toda a combinação humana e philosophica: descobre-se unicamente n'ella uma obra divina, na qual se encontra a distribuição organica e gradual dos poderes, a subordinação a um chefe, a submissão no que obedece e a equidade no que manda, o respeito no inferior e o amor no superior, longe da oppressão e da dominação absoluta (2).»

Não pode fazer-se pintura mais brilhante e verdadeira da maravilhosa harmonia e ordem que reina no governo da Igreja, devida unicamente á instituição divina da sua parochia (3).

O Pontífice romano, chefe visivel do catholicismo com auctoridade e jurisdicção universal sobre todos os christãos, é o successor legitimo do Principe dos Apostolos. Tem governado a Igreja uma serie de duzentos e sessenta e um Papas, que durante dezenove seculos não tem soffrido interrupção alguma, apesar das perseguições e heresias, dos schismas e irrupção de barbaros, que na idade media assolaram toda a Europa, e do furioso despotismo de monarchas tão ambiciosos como impios; e nos tempos modernos o Pontificado resiste com

(1) Aguirre, *Discipl. Ecol.*, t. III, pag. 309, nota 2.ª

(2) Aguirre, *Discipl.*, t. I, p. 209.

(3) Conc. de Trento, sess. 23 de ord., canone 6.

a mesma firmeza aos embates do regalismo e da impiedade, ás intrigas das associações tenebrosas, da demagogia athea e d'essa revolução mansa fomentada pela politica mais torpe.

Com regia esplendidez concedeu Constantino á Santa Sé bens valiosos em terras e em edificios. Esta riqueza foi successivamente augmentando com doações e legados que alargaram o patrimonio de S. Pedro na Sicilia, Calabria, Cerdenha, Dalmacia, Illyria, Pulla, Campania, Sabina, nos Alpes e nas Gallias.

Era consideravel o numero de colonos sobre os quaes exercia os seus direitos senhoriales o Pontífice romano, e as immensas rendas d'esses bens da Santa Sé invertiam sempre a favor do infortunio; e quando a Italia foi invadida pelos barbaros, o thesouro pontificio foi empregado no soccorro das necessidades publicas e na sustentação de exercitos que defenderam a independencia da patria.

Roma achiava-se completamente abandonada pelo exarcha de Ravena em epocha tão calamitosa, e os cidadãos allictos correram á protecção de S. Gregorio o Grande, que se oppoz á invasão dos Lombardos.

Data d'aquelles tempos a origem do poder temporal, por delegação dos Imperadores gregos, acclamação do povo no pontificado de Gregorio II e doações de Pipino, rei dos Francos e vencedor dos Lombardos, que por direito de conquista se tinham assenhoreado dos exarchados. «Tambem podia demonstrar-se que antes da doação de Pipino os Papas exerciam jurisdicção em muitos d'aquelles paizes por consentimento popular, ao qual Pipino prestava homenagem, chamando *restituição ao seu donativo.*»

E' esta a opinião do primeiro historiador do nosso seculo, que depois de resenhar a desgraçada situação da Italia sob a cobarde tyrannia dos Imperadores gregos, «não como successores legitimos dos antigos Cesares, mas a título de conquista, e tratando-a como tal», e dos Lombardos, que arrebataram áquelle povo opprimido «as suas antigas leis, magistrados e até a complacencia de se chamar italiano:» accrescenta o seguinte: «Se restava aos italianos alguma esperanza de renascimento, ou ao menos de allivio, não podiam pô-la senão n'aquelle Pontífice, a quem os Romanos consideravam havia muito tempo como seu representante, defensor dos seus direitos, unico que sabia consolar os opprimidos e intimar a justiça aos oppressores; Pontífice que pelo seu character havia de ser mais equitativo, mais humano, e que atrahia ainda o respeito de todas as nações ao nome romano,

«que por culpa d'outro era objecto do maior desprezo (1).»

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

## SECÇÃO CRITICA

### Coisas! Coisas!

ESTE Quinsinho fazia melhor figura se com os seus olhos lobrigasse algum jesuita, tomasse elle ás costas e andasse por esse reino de caixa e vonvo ao rufo a mostrar o bicho, o celebre bicho do jesuita que se lhe mettu na cachimonia e d'onde não vejo meio de lh'o tirar. Fazia melhor o Quinsinho, do que andar sempre a fallar em jesuitas, porque já ha de aborrecer aos seus leitores, e arrisca-se ao que já lhe disse um jornal da mesma escola, de Lisboa, que o Quinsinho estava a sonhar com os jesuitas!

O bello discurso que o snr. marquez de Rio Maior pronunciara ha dias na camara dos pares, e que hoje se principia a transcrever n'esta Revista, fez bulir o bicho na cachola do nosso homem, e eis Quinsinho hydrophobicamente á procura do jesuita e a chamar pelo marquez de Pombal, pelo Joaquim Antonio de Aguiar, pelo... acho que ainda chamou por mais pelos.

Ora o snr. marquez de Rio Maior foi mais longe do que Quinsinho esperava, quando disse: «ha jesuitas em Portugal, estão muitos no reino fidelissimo, e hão de continuar a estar; e desafiava alguém que ousasse mandal-os sahir.»

E mestre Quim, que não vê nem ao menos levantar-se um ministro de estado a protestar que a affirmativa do par do reino era inteiramente falsa, fica triste, porque, ao menos, tinha uma opinião a dizer-lhe que não havia jesuitas, e o seu espirito ficaria mais tranquillo. Mas nem esse protesto do ministro, nem a declaração de que a verdadeira, (a affirmação do par) as leis iam ser immediatamente cumpridas, com a expulsão do reino dos jesuitas.

Muito desejavamos saber como é que Quinsinho queria que um ministro de estado podesse realizar a expulsão do reino dos jesuitas! Sim, amavel Joaquim, como se hade expulsar o reino dos jesuitas, sendo este reino o céu, porque todos dizem que o reino dos jesuitas não é d'este mundo? E, fazendo-se a expulsão, para onde se havia de mandar o céu?

Daes-nos barrigadas de riso, mestre Joaquim, que é um louvar a Deus!

O artigo do *Conimbricense* ha de dar materia para mais risadas; mas será para outra vez, que nem só de Quinsindas vive a gente.

\* \* \*

O *Progresso Catholico* de 15 de junho, o n.º 16, teve uma recepção na Ilha Terceira como a não tivera o exercito libertador, quando lá estabelecera a *babel das linguas e das bebedeiras* (1). E' que tambem o *Progresso Catholico* entrava na Terceira em nome do progresso pelo catholicismo, em nome da liberdade e da civilização, e não como o tal exercito, que, depois da sua chegada, *«as tabernas não podiam dar vinho a tantos boccos, e as ruas não tinham espaço para tantos fardos de gente ressonando pelo chão, ou correndo em grupos, cantando, abraçando as mulheres, invadindo as casas, buxando-se, e pon-do a cara no estado esfrangalhado dos seus trajos»*. (2).

Foi por isso que a recepção do *Progresso Catholico* teve um character mais solemne, e que lhe fizeram as honras devidas,

as philarmonicas,  
as harmonicas,  
as commissões maçonicas,

e tudo aquillo que acaba em onicas. Foi uma festa esplendida e que, francamente, nos orgulha, Deus nos perdoe este peccado.

A's liberalissimas creaturas da Terceira os nossos agradecimentos e a certeza de que, para lhes agradar, não nos afastaremos um passo do nosso posto.

\* \* \*

Eu não posso comprehender certos padres, nem posso, por isso, para com elles ter caridade; por isso que são padres, é que mais lhes cumpre portar-se dignamente, e se o não fazem assim, nós temos obrigação, perante Deus e a sociedade, de os amarrar ao pelourinho. e mostral-os ás turbas taes quaes são, para que não vá alguém enganar-se com elles.

Ora vejam lá como se hade ter caridade com um padre como Antonio Candido, que ultimamente disse nas camaras a seguinte enfiada de sandices:

«Que explicará esta dictadura e as que a precederam pela relaxação dos caracteres, pelo aviltamento da alma portugueza, corrompida por dois seculos de decadencia, resultante do despotismo monarchico e do fanatismo religioso.»

Isto disse o padre Antonio Candido deputado da maioria progressista. Disse-o

o padre de quem o padre Senna Freitas dissera em 1877: «...S. Rv.ª não tem infelizmente o sentido ou a intelligencia da sua classe e da responsabilidade que ella implica, não tem a nobreza indomavel da sua posição ecclesiastica, essa discreta susceptibilidade que repelle todos os actos que revertem em desdouro e ignominia da nossa estremecida mão. Conhece-se de sobra que S. Rv.ª tem *universidade* de mais, e *seminario* de menos. Quer que eu lhe diga o que é um seminario? E' uma casa em que se aprende se se tem vocação para sacerdote, e depois se aprende a sel-o. Eis ali o seminario de direito. S. Rv.ª é um leigo tonsurado, concordo: chegará a ser sacerdote? Sacerdote por atacado, admittirei ainda, mas não desconcordará tambem commigo que se mostra mação a retalho. Que o seja não affirmo, que melhor faria se o fosse? (1)

\* \* \*

Não ha muitos dias que em Pariz se realisára um acontecimento notavel, que os annaes do seculo XIX registrarão como um dos mais notaveis.

Tratava-se da eleição da Superiora Geral das Irmãs de Caridade, ou de S. Vicente de Paulo, e reuniram-se na grande cidade, na cidade d'onde se espalha tudo que é mau, d'onde bracejam todas as seitas em hostilidade constante contra a Igreja e seus ministros; reuniram-se, dissemos, em Pariz 932 Irmãs que tomaram parte na eleição, como representantes de 25:000 Irmãs que conta actualmente este civilizador instituto, este exercito aguerrido de heroínas, que salvam a França em seus maiores cataclismos, que apparecem nas grandes dores da nação christianissima, que mostram a touca branca por toda a parte onde a miseria mora, onde as calamidades publicas alastram victimas, onde um gemido se levanta, onde se chora, se tem fome, se vive a braços com todas as desventuras.

Foi eleita a Irmã Gaward, que é hoje a generalissima do exercito mais formoso, mais forte e mais bem disciplinado que tem a Europa, porque é todo composto de heroínas.

Os inimigos das Irmãs de Caridade devem ficar atrapalhados com um tal exercito! Vinte e cinco mil! o dobro do exercito militar em Portugal! VINTE E CINCO MIL IRMÃS DE CARIDADE!

Um leitor de gazetas.



(1) Cesar Cautu, *Hist. Univ.*, t. III, pp. 319 e 20.

(1) *Portugal Contemporaneo* de Oliveira Martins, 1.º vol., paginas 239.

(2) Livro e auctor já citado, pag. 210.

(1) *Os Nossos Bispos do Continente a proposito das erequias da Lapa em honra de A. Herculanu*—opusculo de 63 pag. editado em Guimarães por Teixeira de Freitas.

## Acudam em quanto é tempo

**FRADES!** Frades! Real Senhor, frades para as nossas possessões d'além mar, porque o inimigo de Deos, da sociedade e da patria atravessa já descaradamente as ruas e praças publicas d'aquelles ricos torrões, regados com o sangue de nossos Maiores.

Frades! Frades! Olympicos governantes, frades para as descobertas de Antonio de Nolla, Luiz Cadamosto, e de outros ousados navegadores portuguezes, não degenerados, porque os emissarios das potencias insaciaveis pretendem apagar o nome portuguez do coração dos nossos irmãos africanos.

Jesuitas! Jesuitas! oh! vós que tendes as redeas do governo da nação de D. João 3.º, jesuitas para a nossa Africa, se não quereis ver em breve arrancados da Coroa portugueza aquelles ricos florões, engastados pelos nossos antepassados, que, cheios de fé e patriotismo, com a Cruz n'uma das mãos e a espada n'outra,—saíam de *fora en fora*, afrontando a morte ante a furia dos ventos e o bramir das tempestades unicamente para ganhar almas para Deos e conquistar terras para o herculeo Portugal.

Pois não vedes os sectarios de Lutthero, Calvino e outros inimigos de Deos e dos homens a afluirem em grande numero áquellas praias, espalhando o oiro de nações egoistas, propagando com afan o idioma do seu paiz, fundando escolas, imbutindo na mente da mocidade idéas contra a Religião e o Estado, attraíndo a si illustrados e ignorantes cujo odio ao governo *azul e branco* é manifesto por não attender ás suas justas reclamações, por não lhes favorecer com os melhoramentos materiaes, que tanto necessitam?

Já vos esquecesteis da Conferencia de Berlim em que o nosso direito de conquista foi annullado no Zaire, terreno immenso e productivo, regado pelas volumosas aguas do magno rio d'aquelle nome, o qual a vossa ineptia, o vosso indifferentismo, o medo que tendes do pobre e humilde frade nos fez perder?

Não podia ser então o Zaire para Portugal o que está sendo hoje para as nações estrangeiras:—fonte de riqueza, imporio de commercio, se empregasseis os meios que ellas agora empregam, enviando seus missionarios para o interior, os quaes ensinam aos selvagens a cultivar seus vastos e ricos terrenos, facilitando-lhes a irrigação por meio d'arte, instruindo-os na lingua do seu paiz, na religião do seu estado?

Por varias vezes os negociantes portuguezes allí estabelecidos reclamaram dos altos poderes protecção para levar a cabo certos melhoramentos, indispen-

saveis ao desenvolvimento commercial, porém, *suit vox clamavit in deserto*.

Visitando aquella parte do continente Negro, admirámos o espectáculo que agora offerece ao viajante. Todas as nações da Europa estão allí representadas pelos seus filhos, os quaes tem feito povoar as margens do rio Zaire de bons e elegantes edificios onde se veem tremular os estandartes allemão, inglez, francez, russo, austriaco, italiano, grego, hespanhol, hollandez, succo e portuguez. Todas as feitorias teem seus missionarios, á excepção da portugueza, que, diga-se a verdade, é tambem a que occupa allí o ultimo logar. Porque será?... .

Se a Albion protestante e a protestante Allemanha reconhecem que o missionario catholico é o unico elemento indispensavel para a civilisação dos povos, enviando-os para a Asia onde teem praticado rasgos de heroismo; para a Australia onde teem convertido em fontes de riqueza vastas campinas, cobertas de matto;—se a França republicana, que iniciou o seu governo fazendo pedaçoes as portas dos conventos, expulsando do seu seio os enviados de Jesus, os está chamando para a costa do Gabão e outras das suas possessões, admirando-lhes a abnegação, o heroismo, os maguos serviços que prestam á humanidade e ao paiz,—vós que dirigis os destinos da Nação Fidelissima, que dizeis «andar na vanguarda das nações civilisadas», deveis seguir o exemplo d'aquellas nações e desprezar os conselhos dos Filippes.

«Não queremos conventos, porque são ninhos de immoralidade, focos de corrupção,» disseis em alta voz a gregos e troyanos.

Mentis! Mentis! O zelo que manifestaes pela moralidade dos povos, é semelhante ao zelo do discipulo hypocrita que vendeu o seu divino Mestre por trinta dinheiros.

Ninhos de immoralidade são essas numerosas casas de perdição, que o vosso «Liberalismo» tem edificado por toda a parte cujos miasmas pestiferos tem inficionado a Nação portugueza, a Europa inteira. Focos de corrupção é a imprensa desenfreada d'onde sae o jornal impio, o romance immoral que a vossa penna tem feito correr mundo, corrompendo no seio materno os corações bem formados. Ninhos de immoralidade, focos de corrupção são as escolas, os lyceus, os institutos scientificos, dirigidos pelos vossos irmãos de... os quaes imbutem na mente da mocidade a falsa e perversa doutrina da maldita Franc-Maçonaria em cujo livro inscrevestes o vosso nome, jurando guerrear as ordens religiosas, o Papa e a Egreja.

O Convento foi, é e será sempre casa

d'orações e de santidade; foco de sciencia, de progresso e de luz, cujo brilho hade offuscar sempre a falsa sciencia que sae dos antros medonhos do Maçonismo, a que vos gloriaes de pertencer; hade espancar sempre as trevas, a que chamaes «Lua do Progresso», que vos circunda e cegar os inimigos dos frades até á consummação dos seculos.

Consultae a historia, a mestra da vida, e ella vos dirá bem alto que foi do Convento que saíram os grandes luminares da Egreja que assombraram o mundo com a sua sciencia, com suas virtudes. São Francisco d'Assis, São Boaventura, São Thomaz d'Aquino e outros innumerados santos, que passaram no mundo, qual metéoro, viveram no fundo do claustro, foram pobres e humildes frades.

Percorrei o Novo Mundo, penetrae nas selvas da America, internaes-vos nos sertões da Asia e cada pedra que pizardes, tintas ainda de sangue, vos fallará bem alto dos gloriosos feitos dos filhos de Loyola. São Francisco Xavier e muitos outros membros da companhia de Jesus cairam exaustos de força, já lançando os alicerces do nosso imperio, já solidando o nome portuguez na Asia.

Sahi, pois, d'essa apathia que nos arruina, d'esse indifferentismo que nos desacredita como nação civilisada e imitai o exemplo das potencias europeas, enviando os filhos d'Assis e de Loyola para as nossas possessões d'além mar, os quaes não só conservarão as nossas colonias, mas tambem alargarão os acanhados limites da Nação portugueza! Ao contrario, como aves de rapina, virão em breve as insaciaveis potencias do Norte roubar-nos a herança que nos legaram os Castros e Albuquerque, os Almeidas e os Ataydes.

Acudam, pois, emquanto é tempo.

Africa, maio de 1887.

A. G. Rocha.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

O Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III



ORNANDO hoje a primeira pagina da nossa Revista com o retrato do primeiro jerarcha da Egreja Lusitana, prestamos preito, ainda que humilde, ao venerando Prelado, á virtude, á ordem franciscana de que S. Em.<sup>a</sup> faz parte e á Egreja Catholica de que é ornamento.

Não é ainda tempo de biographiar S. Em.<sup>a</sup>: a historia se encarregará mais tarde de gravar em suas paginas com douradas lettras os altos feitos e as muitas virtudes de quem só pela virtude e

pelo trabalho foi guindado ás eminências do cardinalato.

Daremos apenas alguns apontamentos da vida de tão illustre Príncipe da Egreja.

Na cidade de Lagos, no Algarve, nasceu, no dia 20 de janeiro de 1841, uma creancinha que recebeu o nome de José Sebastião Netto, filho de Raymundo José Netto e de D. Catharina Lucia de Almeida Netto.

Desde os seus mais tenros annos mostrou o pequeno José Netto grande vocação pelas cousas da Egreja e uma ardente caridade, o que moveu seus paes a mandal-o cursar os estudos ecclesiasticos no seminario de S. José de Faro, no anno de 1855, onde se tornou estudante distincto, merecendo ser premiado no primeiro anno do curso triennial theologico, e obtendo *accessit* no 2.º e 3.º anno.

Em 25 de maio de 1861 recebia ordens de prima tonsura; de subdiacono em 20 de dezembro de 1862; de diacono em 30 de maio de 1863; e de presbytero em 1 de abril de 1865. Era então Bispo do Algarve o Ex.º Snr. D. Ignacio, que depois foi Cardeal Patriarcha de Lisboa, e tinha por famulo o joven sacerdote Netto.

Reconhecendo S. Ex.º Rv.ºm a aptidão e virtudes do novo levita nomeou-o cura da freguezia de Boliqueime em 17 de agosto de 1865, e tantas provas deu de zelo sacerdotal, com tanto amor e caridade exerceu aquelle cargo, que foi nomeado parochio da mesma freguezia em 1873. Mas o seu desejo não era unicamente ser padre; não era a sua vocação a de parochio; mais amplos horizontes desejava aquelle espirito para exercer o mister de apostolo do catholicismo, e por isso em 15 de agosto de 1875 entrava no convento do Varatojo, perto de Torres Vedras, e tomava o habito do Patriarcha de Assis, do Santo da Penitencia.

E' esta data que nós memoramos hoje dando a nossos leitores o retrato do Ex.ºm Cardeal Patriarcha de Lisboa.

A Providencia, porém, destinava outra cousa, contraria aos desejos do humilde filho de Seraphim de Assis. Estando perto de Mafra n'uma missão, recebeu com grande magua sua a noticia de que fóra nomeado Bispo de Angola e Congo, abandonando o seu convento em 27 de setembro de 1879. Em 18 de abril do anno seguinte era sagrado na egreja de S. Julião em Lisboa por Monsenhor Masella, Nuncio de S. Santidade, assistindo a este acto um numerosissimo e escolhido auditorio, partindo para a sua diocese no dia 5 de agosto, e publicando a sua primeira Pastoral a 15 de setembro.

O que foi o seu pontificado em Angola não cabe aqui dizer-se; mas foram

tantos os serviços á Egreja e ao Estado prestados, que a Santa Sé e o governo deliberaram nomeal-o Patriarcha de Lisboa, sendo confirmado no alto cargo para que o governo o apresentára, a 9 de agosto de 1883.

Lisboa trajava luzidas galas para receber o seu Prelado no dia 7 de outubro, em que S. Ex.º Rv.ºm fez a sua entrada solemne na capital, com toda a magnificencia do ritual, fazendo por então uma eloquentissima allocução perante o ministerio, alto clero e uma multidão enorme de povo que tinham ido para admirar a fluencia e unção evangelica da palavra do novo Patriarcha.

A 16 de janeiro de 1884 tomou assento na camara dos Pares, a 24 de março era preconisado Cardeal, a 30 do mesmo mez recebia no Paço de S. Vicente de Fóra o Solideu vermelho, a 17 de abril recebia das mãos de S. M. El-Rei no paço da Ajuda o barrete cardinalicio, e a 26 de maio de 1886 partia para Roma, para receber do Santo Padre o chapéu de Cardeal.

Por occasião do casamento de S. A. Real foi S. Em.º agraciado com a Grande Cruz de N. Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Na sua visita a Roma foi acompanhado pelo seu digno secretario, nosso amigo e collaborador d'esta Revista o Ex.ºm Dr. Alfredo Elviro dos Santos, hoje Monsenhor e Camareiro Secreto de S. Santidade. Chegando a Roma foi logo recebido por S. Santidade com toda a amabilidade, com a cordialidade propria de quem conhecia os altos dotes de S. Em.º

Foi durante a estada em Roma que S. Em.º se lembrou do *Progresso Catholico*, dignando-se pedir a benção de S. Santidade para todos nós, nos seguintes termos:

«Beatissime Pater!

Sendo importantes os serviços prestados á Santa Egreja em Portugal, pelo jornal catholico—O PROGRESSO CATHOLICO—que se publica ha quasi oito annos na cidade de Guimarães, peço a V. Santidade que se digne conceder a Sua Santa Benção para o director, redactores e leitores do referido jornal.

Et—Deus—

José, Cardeal Patriarcha de Lisboa.»

Este pedido, para nós tão honroso, mereceu a não menos honrosa resposta:

«Palacio do Vaticano, 2 de julho de 1886.

Sua Santidade dignou-se conceder benignamente a Benção Apostolica, em harmonia com o pedido feito.

G. Bocali.»

Para mostrarmos o quanto S. Em.º foi estimado em Roma e como suas al-

tas virtudes alli foram assás reconhecidas basta dizermos que foi convidado para sagrar o Bispo Romano de Castelaneta na egreja de S. Izidoro.

Partindo S. Em.º para Pariz celebrou alli Pontifical na egreja do Seminario da Congregação do Espirito Santo no dia 19 de junho, o que repetiu a 25 na Basílica de Nossa Senhora de Lourdes, onde presidiu a uma peregrinação que alli fóra n'aquelle dia.

De Lourdes partiu S. Em.º para Madrid, onde visitou a real familia e regressou a Lisboa no dia 28, fazendo a solemne entrada na cathedral no dia 30 pelas 11 horas da manhã, seguindo de Santo Antonio da Sé, onde se paramentou, sob o palio, acompanhado pelos altos funcionarios do Estado, clero, ordens terceiras, e representantes de todas as corporações religiosas.

Bem conhecidos são os serviços que o Patriarchado deve ao seu predilecto Pastor, e d'aqui o amor e dedicação filial que a mór parte dos diocesanos lhe tributa; mas, apesar de tudo isto ha desgostos a dilacerar o coração de S. Em.º, o que não admira n'este seculo de *progresso e liberdade*.

Agora põe S. Em.º grande cuidado no melhoramento e progressos do Seminario Patriarchal, porque é d'alli que tem de sahir os obreiros que com S. Em.º teem de trabalhar na vinha do Senhor. Secundem os esforços do digno representante dos Apostolos todas as pessoas dedicadas ao bem da Religião e da Sociedade, que com isso terão satisfeito um dos mais ardentes desejos de S. Em.º

Ao depor a penna, depois de traçar mal estas linhas, curvamo-nos reverentes diante de S. Em.º e aguardamos a Benção Apostolica para nos fortalecer na lucta.

R.

## SECÇÃO PARLAMENTAR

### As Ordens Religiosas e o Padroado (1)

(Discurso do snr. Marquez de Rio Maior na Camara dos Pares)

«...Mas, visto caber-me a palavra hoje no principio da sessão, vou, ainda

(1) Andam tão mal informados, ou teem tão má fé os nossos deputados, pares, e homens de Estado, que se torna forçoso fazer ecoar bem cá fóra o que se diz nas camaras, e mormente quando se diz bem.

A maioria dos nossos politicos carecem de ler um livro que ha poucos annos colleccionou o notavel escriptor catholico o ex.ºm snr. dr. João de Lemos, OS FRADES, DEFEZA, JUSTIFICAÇÃO E APOLOGIA INUSPITIGINAS.

Custa 300 réis, e era bom que todos o lessem.

(Nota da redacção).

que muito de passagem, porque sei que a camara está cansada d'este debate, dizer alguma cousa a proposito das ultimas reflexões, que têm sido apresentadas por parte de alguns de meus collegas contra o estabelecimento das ordens religiosas no ultramar, cujas vantagens affirmo, e que julgo o complemento indispensavel da concordata de 1886.»

«O que provoca mais estas minhas observações é um livro, que acaba de ser publicado, e me chegou hontem, por acaso, ás mãos; uma novidade, como se diz em linguagem de livreiro, n'elle encontro a opinião de um homem eminente, applaudindo a mesma doutrina, que sustentei.»

«Snr. presidente, escreveu, ultimamente, alguém, a proposito de ter eu defendido a necessidade das congregações religiosas no ultramar, *Honneur au courage melheureux*. Não aceito tamanha compaixão, que não preciso, e vou levantar a phrase.»

«E' possível, que n'esta assembléa esteja em minoria, mas não estou só; todavia consola-me, e consola aquelles que pensam como eu, o facto de quasi toda a Europa civilisada seguir a minha opinião; estes principios são praticados pela Hespanha, pela França, pela Italia, pela Allemanha e pela Inglaterra; portanto estamos em muito boa companhia, e se os meus adversarios invocam o marquez de Pombal, nós podemos citar a auctoridade dos homens verdadeiramente liberaes da actualidade, como muito bem dizia o meu amigo o snr. Barros e Sá, que lembrava os nomes de Sagasta e Montero Rios. Não é necessario ir tão longe, temos cá no paiz, e mesmo no primeiro periodo constitucional, homens importantes, que pensavam o que eu penso.»

«O documento, que vou ler, tem a data de 1840, é da responsabilidade do ministerio de que fazia parte o conde do Bomfim, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Costa Cabral, Conde de Villa Real. N'essa epocha o ministro dos negocios da marinha e ultramar, no seu relatório, apresentado ás camaras na sessão extraordinaria de 1840, tratando do estado religioso das nossas possessões e do aniquilamento do padroado portuguez, dizia o seguinte: «Entretanto o pequeno numero de padres existentes no collegio de S. José em Macau, e a maior parte d'elles, impossibilitados, por seus annos e molestias, de entrarem para as missões, faz receiar que dentro de poucos annos, a não se tomar alguma providencia, façam com que ellas se percam para o padroado; tanto mais que a Sé Apostolica não é possível que deixe em abandono cinquenta a sessenta mil christãos das missões portuguezas, tendo talvez já por essa

rasão nomeado um novo vigario apostolico para Kiamey e Kikiam, provincias pertencentes ao bispado de Pekin.»

«Convém que quanto antes se restabeleça uma corporação, que tenha a seu cargo as missões, para evitar a perda do padroado portuguez no Indostão, Malabar, Bengala, Malacca, China e resto da Asia. Parece tambem que o mais conveniente é a congregação da missão, que outr'ora existiu em Rilhafolles, que por experiencia se demonstrou ser a mais util, e que tanta gloria deu ao nome portuguez.»

«A leitura foi um pouco comprida, mas não podia deixar de a fazer toda. Agora pergunto aos meus collegas: não acham s. ex.<sup>as</sup> que a auctoridade do relatorio, assignado por nomes tão importantes, se impõe á attenção de todos nós? Não demonstra elle que estes velhos liberaes julgavam vantajosas e necessarias as congregações religiosas para o padroado? Não são as opiniões d'elles conformes com as minhas?»

«Neste mesmo livro, interessantissimo, vem uma carta de Silvestre Pinheiro, escripta em Paris em 4 de outubro de 1826, na qual se consignam os sentimentos mais favoraveis á congregação do oratorio. «Os meus sentimentos, diz elle, são invariaveis: possa eu merecer o titulo de digno filho d'essa congregação, a que sempre estive unido por gratidão e por affecto.»

«Ainda vou citar mais um grande liberal, o marquez de Sá da Bandeira.»

«Diz o *Livro branco*, volume I, pag. 187, as instrucções do marquez de Sá, de 11 de março de 1868 auctorisavam a annuencia formal do governo de Sua Magestade em concordar no estabelecimento em Bombaim de um collegio de missões, confluado a uma ordem religiosa, e o restabelecimento da missão dos *capuchinhos italianos em Santo Antonio do Sonho (margem esquerda do Zaire) concorrendo o governo para a despesa do transporte dos missionarios.*»

«Sinto que o snr. Thomaz Ribeiro só dêsse agora entrada na sala, e não ouvisse a leitura, que fiz de um documento importantissimo, da responsabilidade dos srs. Costa Cabral, Rodrigo da Fonseca Magalhães, conde do Bomfim e conde de Villa Real, documentos em que estes illustres homens d'estado se pronunciam a favor da congregação das missões, outr'ora existente em Rilhafolles, como meio de evitar a perda do padroado.»

«Agora fallo do livro, a que já me referi, e intitula-se *Atravez o hemispherio do sul*, por mr. Michel. Conta elle, que chegado ao Brazil foi apresentado ao Imperador, e este lhe fallou da congregação italiana de D. Bosco, que tem por fim a educação das creanças, manifestando o chefe do estado viva satisfação

por saber que estes padres iam fundar brevemente uma casa para a sua ordem no Rio de Janeiro.»

«O Imperador do Brazil é um liberal, um homem distinctissimo e illustrado, e o seu voto merece consideração.»

«Devo dizer que não tenho a honra de conhecer, nem directa nem indirectamente, o auctor d'esta obra, comquanto n'ella se façam referencias muito lisonjeiras a respeito da administração da Misericordia de Lisboa e de outros institutos piedosos, que dependem de pessoas da minha familia.»

«Diz o mesmo escriptor que no hospicio da Misericordia do Rio de Janeiro, os irmãos de S. Vicente de Paula tratam 1:500 doentes internos, e dão diariamente remedios, recitados pelo medico, a 600 outros doentes externos.»

«Aqui tem a camara a prova de que as congregações religiosas são admittidas tambem n'aquelle vasto imperio.»

«Sr. presidente, nunca em occasião mais opportuna me chegou á mão um livro tão valioso. Outra citação vou d'elle tirar. Apresentou-se contra a minha doutrina um arsenal completo; tem um só defeito, são velhas as armas. Veio o Voltaire e o Rosseau! Pois a respeito do primeiro acho tambem n'esta obra de mr. Michel um facto curioso; refere o auctor uma conversa, que teve no Chili com um dos chefes do partido liberal, o deputado D. Ambrozio Monti, a proposito de uma discussão, que lá tinha havido, e disse este homem politico o seguinte:

«Na verdade de que serviria um Voltaire na nossa America. No norte ha o grande Washington a seguir, mas nas republicas latinas do sul o genio de Voltaire enfraqueceria a idéa christã, fundamento da nossa sociedade, e auxilio poderoso das nossas instituições republicanicas, não nos dando em compensação uma philosophia para os nossos pensadores, uma sciencia para os nossos publicistas, uma religião para o nosso povo!»

«Esta é a opinião de um illustre republicano a respeito do velho Voltaire, tão mal trazido pelo sr. Fernando Palha para o debate.»

«Quanto aos jesuitas, não fui eu só que o disse, confessaram os meus adversarios que elles eram bons missionarios, bons educadores, até bons portuguezes, que só tinham o defeito de se não gostarem d'elles, e que mettiam medo. Não sei responder a estes argumentos.»

«Exclamam: os jesuitas para ganhar popularidade até acompanham os condemnados ao patibulo; responde, os jesuitas têm immensos merecimentos; comtudo não é este o emprego especial dos seus padres.»

«Peço desculpa ao meu amigo, o snr. Thomaz Ribeiro, para lhe dizer: pode

ser que uma ou outra vez fosse algum jesuíta acompanhar algum condemnado ao patíbulo, mas, repito, não é essa a sua missão. Em Lisboa acompanhavam quasi sempre os moribundos, os frades de S. Pedro de Alcantara, chamados pela Misericórdia; quanto aos jesuítas santa é a sua popularidade, se ella se affirmar, como dizem os dignos pares seus inimigos, com obras tão meritorias.»

«Snr. presidente, uma das muitas cousas que se declarou, porque n'esta discussão tem havido uma tal diversidade de palavras e de idéas, que bem disse o snr. Thomaz Ribeiro, o debate recorda uma verdadeira Babilonia, foi que ás creanças era prejudicial dar-lhes educação religiosa na tenra idade.»

«Nada de inculcar ás creanças educação religiosa!»

«O snr. Senna:—Fui eu que disse isso; não pude, porém, desenvolver a minha idéa, porque m'o impediu uma observação do snr. presidente.»

«O Orador:—V. ex.ª não pôde desenvolver a sua idéa; mas como eu fallei n'este ponto, vou, sem me referir a v. ex.ª, e para instrução de todos nós, apresentar uma opinião insuspeita.»

«A' camara deve agradar a leitura, que vou fazer, porque é portuguez de lei, é de um homem, que escrevia em linguagem vernacula, e sabia, como os melhores, a sua lingua.»

Dizia assim:

«Era, porém, a superstição a religião do povo, e quem de algum modo amparava e aviventava a moral, a virtude e a vida intima d'elle; affrontada, amaldiçoada, arrastada já, nas cidades, pelo lodo das ruas publicas, selo-ia brevemente pelas viellas e azinhagas das aldeias e casaes. Mas o que ficou em lugar d'ella nas cidades; o que ficou cará nos campos? Nada: porque ella era a creença do povo. E podemos-lhe dar outra? Não; porque a religião só se estampa na alma durante os tenros annos.»

«Desgraçadamente o philosophismo já se aquece no soalheiro da praça, e encosta-se ao balcão da tenda; a religião, porém, não sáe dos cathecismos da escola, ou dos livros dos theologos; a impiedade pavoneia-se descaradamente por palacios e choupanas, por salas e tabernas, e se lhes perguntacs de onde veio, que bem faz á humanidade, em que titulos funda o seu modo senhoril e desprezador do passado, responde-vos que sois fanaticos, supersticiosos e intolerantes.»

«Ouviu a camara esta linguagem tão verdadeira! E', talvez, de algum reactionario, fanatico, supersticioso e intolerante? Não, não é! O homem que isto escreveu chamava-se Alexandre Herculanol A sua palavra é de uma grande auctoridade.»

«O snr. Carlos Testa:—Era um reactionario!»

«O Orador:—Eu comprehendo, snr. presidente, que os que julgam os jesuítas prejudiciaes á educação não mandem lá seus filhos, mas não entendo que o façam aquelles que os atacam. Este procedimento não é correcto. Aproveito a occasião para declarar que os jesuítas não têm em Portugal existencia official, porém têm direito a aqui residir individualmente, como qualquer mahometano, israelita, ou adorador de Boudha. (Apoiados.) As leis do marquez do Pombal não podem obrigar-os a sair do reino, ha lei mais moderna que os protege e defende. Aos jesuítas habilitados como professores, é-lhes livre o ensino, como a quaesquer outros mestres.»

«O digno par, o snr. Thomaz Ribeiro, que disse muita cousa boa no seu discurso, e tanto que eu lhe não regateei os meus apoiados, declarou n'este ponto, em que o nosso desaccordo é completo, que, depois de enumerar os bons serviços prestados pela Companhia de Jesus, havia de demonstrar quanto ella nos foi contraria. Pôde ser, snr. presidente, que eu não comprehendesse o fim do discurso do digno par, tão bem como lhe comprehendí o principio, que s. ex.ª desenvolveu largamente; mas o facto é que esperei a completa demonstração dos delictos contra nós praticados pelos jesuítas, e não os encontrei. S. ex.ª apresentou a proposição, sentença condemnatoria, o desenvolvimento do libello é que não houve!»

«Os jesuítas são Francisco Xavier na India, o padre Antonio Vieira, prégando contra os hollandezes, o padre Loureiro, prestando os assignalados serviços, que enumerei. Os jesuítas são estes todos, e os muitos que, como honra da Companhia, evangelisam hoje em todo o mundo. Bastantes serviços prestaram á bandeira das quinias; mas o que foi hontem pôde sel-o amanhã, para gloria de Portugal e defeza do nosso padroado.»

«Digo tudo isto, snr. presidente, para que tudo se fique sabendo aqui bem, e conste lá fóra. Tome cada um as suas responsabilidades.»

## SECÇÃO LITTERARIA

### A VIDA

Grilhão pesado que nos dá o berço,  
e que depomos nos umbraes da tumba.

SOARES DE PASSOS.

A vida é mar sem bonança,  
aroma que se exhalou;  
a vida é triste lembrança,  
folha que o vento levou.

A vida é flôr desbotada,  
lyrio que o viço perdeu;  
a vida é campã gelada,  
lousa que amôr escondeu.

A vida é tronco lascado,  
da vaga o triste queixume;  
a vida é negro passado,  
cruel desprezo, ciume.

A vida é luz scintillante  
que um sópro logo apagou;  
a vida é astro brilhante  
que nuvem leve toldou.

A vida é barca sem leme,  
raio que os ares fendeu;  
a vida é onda que geme,  
imagem que desparceu;

laço d'espinhos e flôres,  
um ai que o labíio soltou;  
senda de prantos e dôres  
de quem um dia sonhou!...

Malceira.

Joaquim Pestana.

## SECÇÃO NECROLOGICA



ESTÃO enlutados dois assignantes e amigos nossos e da nossa Revista, o Rev.º Padre Antonio José Gonçalves da Silva, que fóra parochro de S. Paio de Vizella, e ultimamente de Tagilde, e o Ex.º Snr. José Firmino da Silva Boavista, pelo fallecimento de seu Pae o Snr. José Luiz Gonçalves da Boavista.

O fallecido era de Terras de Bouro e contava 92 annos. Era medico do partido no Gerez, sub-delegado de saude, e foi por vezes presidente da Camara e juiz ordinario no seu concelho.

Damos sentidos pezames aos nossos dois amigos e ao resto da familia e pedimos a nossos leitores as costumadas orações por alma dos finados.

Outro amigo nosso enlutado, o Rev.º Padre Luiz Antonio Pereira d'Almeida, que fóra capellão dignissimo das Religiosas Capuchinhas d'esta cidade. Perdera ha pouco um irmão, na terra da sua naturalidade, Cavalões, em Famação.

Fazemos a S. Rev.ª os nossos cumprimentos de pezames e pedimos aos leitores se não esqueçam de orar pela alma do irmão do nosso amigo, um sacerdote virtuosissimo e em tudo digno.

## PEDIDO

Chamamos a attenção dos nossos leitores em dívida para o Quadro sem nenhuma graça, que foi publicado na 1.ª pagina do n.º 17. Está ainda sem graça, e portanto rogamos a todos que não tem recibo do 9.º anno o favor de mandarem satisfazer seus debitos. com o que muito nos obsequiam.

Pelo correlo andamos mandando circulares aos assignantes em dívida, e esperamos nos attendam.

Teixeira de Freitas.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

### O Jubileu Sacerdotal de S. S. o Papa Leão XIII



*Progresso Catholico* que foi dos primeiros jornaes que publicaram o appello da Commissão central portugueza aos catholicos de todo o reino, não será tambem dos ultimos em tornar conhecida a seguinte deliberação da dita Commissão Central de Portugal, que é como segue:

«Para conhecimento dos Ex.ºs e Rev.ºs Prelados, e de todas as pessoas que queiram tomar parte na peregrinação, e, bem assim concorrerem, com os seus donativos se faz publico:

1.º Que a epocha marcada por S. Santidade, para receber a peregrinação Portugueza é de 16 a 25 de abril de 1888.

2.º Que todos os objectos destinados a S. Santidade, bem como o producto das listas, devem ser entregues o mais tardar até ao dia 31 d'agosto de 1887, ou na Rua de S. Vicente n.º 2, ou na Livraria Catholica, Praça de D. Pedro, dirigidas ao thesoureiro Antonio de Carvalho Daun e Lorena.

A Commissão espera poder alcançar abatimentos das companhias dos Caminhos de Ferro, o que mais tarde fará constar pela Imprensa.

#### REGULAMENTO PARA A EXPEDIÇÃO DOS OBJECTOS DESTINADOS Á EXPOSIÇÃO NO VATICANO.

1.º Os objectos destinados á exposição do Vaticano devem ser expedidos com a seguinte direcção:

«ITALIA

EXPOSIÇÃO NO VATICANO

A S. Santidade o Soberano Pontifice Leão XIII

Vaticano

ROMA»

2.º Os objectos devem ser encaixotados convenientemente e cada um d'elles deve ter um pequeno cartão com as seguintes indicações (a) Nome e preno-

me da pessoa. (b) Nome da diocese a que pertence. (c) Qualidade do objecto. E se o objecto é destinado a concorrer aos premios, deverá juntar-se a declaração prescripta pelo regulamento e conforme o typo publicado pela Commissão Central respectiva.

3.º Nos folhetins d'expedição deverá declarar-se com a maior exactidão o peso bruto e a natureza dos objectos remetidos em cada volume.

4.º As encomendas enviadas nas condições acima referidas, são isentas de todos os direitos nas alfandegas Italianas.

5.º E' absolutamente prohibido, metter, nos volumes, cartas ou outro qualquer escripto, a não ser os exigidos no artigo 2.º

6.º As encomendas para a exposição do Vaticano devem estar em Roma o mais tardar nos primeiros dias de outubro.

A Commissão Central, pede a todas as pessoas que receberam lista, o favor de as devolver no praso marcado, para a boa regularidade d'este serviço. Lisboa, 22 de julho de 1887.

(O secretario,  
J. de Carvalho.)

A mesa da Veneravel Ordem 3.ª de S. Francisco d'esta cidade resolveu fazer pomposas festas em outubro proximo ao abrir a sua egreja, depois das obras feitas. Teremos por essa occasião entre nós S. Ex.ª Rv.ª o Snr. Arcebispo Primaz, que da melhor vontade accedeu ao pedido da mesa, que foi a Braga sollicitar do nosso venerando Prelado uma tal graça.

Mil parabens merece a mesa directora d'aquella casa, que se não poupa a sacrificios para se mostrar á verdadeira altura, e conservar na verdadeira altura uma corporação tão digna.

A egreja está quasi prompta. As pinturas são de bom gosto, e quer-nos parecer que a todos hade agradar; mas o que mais hade ter agradado aos bons filhos de S. Francisco é a limpeza que a illustre mesa tem feito nas diversas repartições da casa. A ultima limpeza pôde ter-se como um milagre do Nosso Santo Patriarcha, e por isso todos se devem empenhar para que a festa seja esplendida.

E Guimarães deve envidar todas as suas forças para receber dignamente o seu Pastor, e assim esperamos que seja, porque Guimarães, quando quer, quer.

As pequenas Filhas de Maria já não cabem em si de contentes, só com a lembrança de que receberão a Benção de S. Ex.ª Rv.ª, e já fazem preparativos para se apresentarem bem. E depois a alegria de não terem já o *trambolho* ainda mais contentes as torna.

Preparemo-nos, pois, todos para fes-

tejar S. Francisco, para receber o nosso amado Prelado e para dar graças a Deus pelos beneficios recebidos, como filhos do Santo Patriarcha.

O mimoso poeta e mavioso cantor da *Lua de Londres*, depoz por momentos a penna de jornalista, e tomou a sua lyra afinada para soltar accordes como elle só sabe tirar do instrumento de Apollo. E ao som da lyra cantou, cantou até que do seu canto formou um formoso poema, que n'um volume de 147 paginas nos offertou ha poucos dias.

O *Tio Damião*, é uma producção como todas as da lavra do nosso primeiro lyrico; mas n'este poema resalta a innocencia, a candura, o poetico da vida aldeã, inflorada pelo amor do pae que adora, que vive pela filha, e pelas alegrias da creançada do logarejo, volteando do pae á volta, no louco gargarhar da pequenada descuidada em meio da figura grave e sublimemente poetica do bom Prior da freguezia. E' um poema agri-doce, que alegre e enternece, que faz rir e verter lagrimas, que da desejos de se ir a gente collocar em meio dos graciosos grupos das creanças e acompanhadas nos seus brincados com o *Tio Damião*, e entrar com ellas no presbyterio e assistir á ingenua missão que vão cumprir na presença do bom Prior.

E' um poema escripto por um poeta verdadeiramente catholico, e por um pae que ama os filhos, porque só um catholico e um bom pae seria capaz de desferir da lyra um conjuncto tão formoso de poeticas passagens, de formar um ramalhete tão prenhe de formosissimas flores.

Muito agradecemos ao ex.ºm snr. dr. João de Lemos a offerta do seu poema, com o qual nos deu momentos de indizível prazer, ainda que rapidos, pois que não podemos, ao recebê-lo, deixal-o para mais tarde: abrimos o livro e devoramol-o d'um trago, sem descanso, e, quando chegamos ao fim, ficamos, como hade ficar toda a gente que o lêr, com pezar de ter lindado uma leitura tão amena, tão poetica, tão lyricamente sublime.

O *Tio Damião* não deve faltar na estante de todos os amadores, dos amantes das patrias lettras não só, mas dos entusiastas admiradores do nosso primeiro poeta lyrico.

Já ha muito que suprimimos a noticia das visitas que os nossos amigos nos fazem, porque, alguns, não gostavam, e deixavam até de nos visitar por isso. Faça-se a vontade a todos.

Não podemos, porém, resistir ao desejo de annunciar a visita que ha pouco nos fez, depois do seu regresso de Africa, o Rv.ºm Padre Sebastião Pereira,

missionario portuguez, sahido do real collegio das missões ha perto de 8 annos, acompanhando o Ex.<sup>mo</sup> Rv.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Angola e Congo, hoje Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa.

Grandes serviços prestou o Rv.<sup>mo</sup> Padre Sebastião Pereira, serviços que a Patria não galardoadá devidamente, porque o missionario, sem o parlapatismo dos *exploradores*, não vem ao reino fazer alarde dos seus serviços nos theatros, nas academias, nas columnas do jornalismo; contenta-se em se sacrificar pela Igreja e pela Patria, e espera de Deus a recompensa dos seus serviços.

Bem vindo o dedicado apostolo e que Deus lhe dê um rapido restabelecimento de forças para continuar na civilisadora missão a que se propoz.

Publicou-se o n.º 77, 5.º do tomo 7.º do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, valente atleta da causa catholica. O summario d'este n.º é o seguinte:

«*Prerogativas do Sagrado Coração de Jesus*—1.ª Elle é o sanctuario do Espirito-Santo.—*Interesses do Coração de Jesus* em Roma, Oviedo, Gibraltar, Sevilha, Talavera, Madeira, Hollanda, em muitos centros de Portugal.—*Jubileo Sacerdotal do Santo Padre*.—*O Valle dos lirios*—XIII. E' bom invocar o santo nome de Jesus e o da Bemaventurada Virgem Maria, sua mãe.—*Leituras Recreativas*—As Duas Mães—(a um discipulo, fazendo annos sua mãe—Exemplo).—*Bibliographia*.—*Carta* 21.ª a um novo portuguez na Asia—1.º Noticias de Macau (necrologios... A proposito do falecimento do P. Prospero, de Timor, etc.—Chegada dos PP. Apparicio, Alves, Garcez, Monteiro, Scorraille e Rivière.—2.º Na camara dos pares... Consciencia.—7 deputados votaram pelo restabelecimento das Ordens Religiosas.—Jornaes catholicos concordos.—Noticias de Mossamedes e de Huilla, comunicadas por uma Irmã da Missão.—3.º *Pastoral* do Snr. Bispo da Madeira sobre o Coração de Jesus.—4.º «*Seminarios Apostolicos*» e testemunho insuspeito de um ministro protestante.—*Mão cheia*:—Os Snrs. Silveira e Silva em Roma e em Lisboa. Outro insuspeito (ministro protestante). Judeu cá e judeu lá. Conversões. Laicisadores expulsos. Festas catholicas respeitadas na Alemanha. Monumento ao P. Margotti. Fructo da confissão. Questão social. Academia de S. Thomaz em Coimbra. Nova restituição. Primeiros missionarios do Canada. Outra conversão. Invenção ecclesiastica. Edições do Liberalismo e peccado. O exercito belga congratulando uma Irmã da Caridade. Processo judicial. Diminuição de ecclesiasticos e augmento de criminosos. Triumpho catholico em Roma. Interpellação.—*Benção do Santo Padre*.—*Graças do Coração de Jesus*.—*Intenção geral do Agosto*—os Patrões e os Empregados christãos.—*Calendario*.»

Diz um nosso collega que Sua Eminencia o Snr. Cardeal Patriarcha, na occasião de visitar o hospital das Cالدas da Rainha, lembrou que seria util admitir n'este hospicio, como enfermeiras, algumas irmãs hospitaleiras, cuja dedicação e caridade Sua Eminencia exaltou, e com justa razão, porque só aquelles anjos de caridade é que podem e sabem desempenhar o mister d'enfermeiras.

E é a verdade, e muito louvamos o virtuoso Prelado por se empenhar em povoar os hospitaes de Irmãs Hospitaleiras, porque conhecemos perfeitamente os serviços que ellas prestam a essas casas onde antes d'ellas faltava a caridade, onde a miseria soffria, com a molestia, a bruteza de mercenarios enfermeiros.

Conhecemos a dedicação no tratamento dos doentes; somos testemunhas do carinho, do amor com que esses anjos de caridade, como bem lhe chama o nosso collega, sabem educar as creancinhas que lhe são confiadas, e, além de tudo isto, que já é muito, admiramos n'ellas a pureza do sentimentos, a virtude que se não corrompe, o heroismo com que ellas despedaçam as infamias, as calumnias, os ardis de que os seus inimigos se servem para ennodarem aquelle habito, para quebrarem aquella cruz que lhes pende á cinta, para amarrotarem aquella touca que é consolação nos hospitaes, alegria nos acampamentos, e felicidade nas escolas. Sim, nós admiramos nas Irmãs Hospitaleiras o heroismo e todas as virtudes, porque depois dos factos de sempre um facto recente veio mostrar-nos como ellas souberam triumphar da mais brutal, estúpida e infame guerra que se fazia para as infamar, guerra capitaneada pelo maior patife que se tem conhecido, vergonha dos homens, desprezo da classe a que infelizmente pertence.

Mas ellas ergueram-se sobre os destroços de tão nefandos inimigos, e ao sol da verdade appareceram com as fronte aureoladas, com o sorriso candido nos labios e soltando sempre as palavras de perdão e caridade.

Salvê, mais uma vez heroínas d'este seculo!

Offertado pelo auctor o ex.<sup>mo</sup> snr. João Antonio Vaz Vieira de Napoles e Freitas, recebemos um exemplar do Hymno de Guimarães. E' edição luxuosa e que mostra mais uma vez o bom gosto do auctor, que imprimiu sempre aos seus actos o cunho do luxo e da elegancia. Damos os parabens a s. ex.<sup>a</sup> e agradecemos reconhecidos a offerta.

O nosso esclarecido collega do *Comercio do Minho* faz uma justa e bem cabida censura á mesa de S. Torquato por consentir no terreno do sanctuario os *Fantoches*. Nós não a censuramos, e temos antes de lhe dar agradecimentos por não ter alugado a egreja para tão formosa patifaria.

Guimarães enxotou-os da cidade, bom é que se fossem refugiar em terras de S. Torquato. De mais, a mesa dizem que pediu licença para os romeiros comerem de carne na sexta-feira e no sabbado, anteriores á romaria (!), quem sabe se pediram tambem para se poder comer o *prato* dos *Fantoches*?

Recebemos o Relatorio da Sociedade de S. Vicente de Paulo no conselho particular da Bahia, Brazil, lido em Assembleia Geral em 8 de dezembro de 1886.

E' florescente esta pia associação, bem mais florescente do que o são as conferencias de Portugal.

A receita em 1886 foi de 7:171\$180 réis e a despeza de 6:687\$550 réis.

Quantas lagrimas enchutas, quanta miseria soccorrida, com esta importante quantia! Que de benções não terão chovido sobre os zelosos directores de tão caridosa instituição!

Agradecemos o Relatorio, e fazemos votos porque cada anno elle nos traga noticia de que a Sociedade de S. Vicente de Paulo, da Bahia, progride em boas obras.

Os nossos lavradores teem promovido procissões de penitencia para implorar do Altissimo a chuva de que tanto carecem os campos, e o desapparecimento dos bichos arvoredas. Ultimamente passou por esta cidade, dando uma volta de 4 a 5 kilometros, em devota procissão a imagem de N. S. da Lapinha, que era acompanhada por umas dez mil pessoas.

Esta imagem que todos os annos aqui vem em festiva romaria, não trouxe tanta gente como agora trouxe.

Dez mil pessoas! E tudo isto se podia evitar, incommodando-se unicamente 3 ou 4 *sabios*, que procurassem o meio de fazer chover e de desapparecer a bicharia. Era mais facil resolver a questão pela sciencia...

A sciencia! A verdadeira sciencia é a do nosso povo, que, quando tem necessidades toma a cruz, ou se ajoelha aos pés d'ella e espera do céu remedio para seus infortunios.

**Historia popular dos Papas**—Tem havido demora na distribuição do 1.º volume mas a obra toda ha de dar-se dentro do tempo annunciado já. Pedimos desculpa da demora.

J. de Freitas.